

Homilia da Missa de Quarta-Feira de Cinzas e Mensagem para a Quaresma de 2021

Uma Quaresma que nos leve à Páscoa

«Diz agora o Senhor: “Convertei-vos a Mim de todo o coração”. Convertei-vos ao Senhor vosso Deus, porque Ele é clemente e compassivo, paciente e misericordioso». Lembrando tudo o mais – o que cantámos no Salmo, o que ouvimos a Paulo e o Evangelho que ressoa – fixemo-nos hoje no trecho de Joel, escolhido para inaugurar este tempo de graça. Da graça da conversão, ou seja, a que mais importa. Especialmente quando a pandemia nos confina fisicamente, mas não nos fecha o coração.

“- Convertei-vos ao Senhor vosso Deus!” Enuncia-se num instante e requer uma vida inteira para se realizar plenamente, de Quaresma em Quaresma, mais e sempre mais, em totalidade e consequência. Um programa que não se esgota em quarenta dias, mas com eles há de avançar. Assim mesmo acompanharemos quantos sofreram e sofrem com a presente pandemia, bem como os que abnegadamente trabalham para a debelar, no setor da saúde e na sociedade em geral. Conversão que nada tem de abstrato, bem pelo contrário. Para quem aceita a revelação divina, como em Cristo se conclui, ganha uma dimensão unitritária e caritativa bem definida e precisa.

- De que Deus falamos, para a Ele nos convertermos, em Quaresma autêntica? Como professamos no Credo, começa por ser “Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”. Aceitá-Lo assim, significa aceitar-nos a nós como suas criaturas, correspondendo a este facto basilar, com toda a consequência espiritual e prática.

Estamos aqui, porque neste preciso momento Deus nos mantém vivos e nos quer consigo. Vivos para vivermos e convivermos com os outros e a criação inteira, tomando-a como obra divina e dom do Criador. É esse o primeiro mandamento bíblico, convém lembrar: «O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também para o guardar» (*Gn 2, 15*). Mandamento muito mal cumprido, infelizmente, mas nem por isso olvidável - e muito menos agora, com a urgência ecológica que sobre nós impende.

A conversão a Deus criador passa antes de mais por respeitar a sua obra e viver em ação de graças. É exatamente o contrário da concupiscência destrutiva, que tudo quer capturar e esgotar em si mesma. Lembremos a magnífica afirmação de Santo Ireneu, sobre o arco completo duma criação realizada, de Deus para nós e de nós para Deus: «A glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus». Sim, a nossa vida manifesta o poder criador de Deus, a sua glória. Mas não se conclui nem basta em cada um, antes no retorno à Fonte comum de tudo e todos, só em Deus contemplável.

Os motivos quaresmais do jejum, da esmola e da oração, não são meros exercícios ascéticos, aliás presentes na religiosidade em geral e até além desta. Quando o próprio Jesus nos recomenda discipulação em tudo isso, quer alertar-nos para a exterioridade que nada resolve e geralmente despista. Sobriedade e partilha, autenticamente vividas, desprendem-nos de gulas e cobiças que não nos educam no gosto de Deus, nem nos libertam de egoísmos fatais. Um e outro, jejum e esmola, levam-nos à oração cristã, como o “Pai Nosso” a ensina.

Escreve-nos o Papa Francisco, na *Mensagem* em que nos apresenta esta Quaresma como “tempo para renovar a fé, a esperança e a caridade”: «*O jejum, a oração e a esmola* – tal como são apresentados por Jesus na sua pregação (cf. *Mt 6, 1-18*) – são as condições para a nossa conversão e sua expressão. O caminho da pobreza e da privação (*o jejum*), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (*a esmola*) e o diálogo filial com o Pai (*a oração*) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa».

Crer em Deus criador significa, neste tempo que nos cabe e justamente preocupa, estar sempre do lado da vida de todos e de cada um, reconhecendo-lhe o valor absoluto que detém do próprio Deus. E protegendo-a em todo o seu percurso, do ventre materno à morte natural.

A inviolabilidade da vida humana é a única garantia da sua defesa, face a qualquer exceção que, mesmo legalmente autorizada, rapidamente deslizaria para a respetiva negação. Nesta mesma

Quaresma e na sociedade que integramos, a conversão a Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, exige-nos atitudes firmes neste ponto, face a eventuais disposições legais e quanto à consciência que as examina e supera.

Assim começámos há dois mil anos, aliás com outros, e assim estamos prontos a recomeçar agora, com muitos outros também, confessionais ou não. É uma frente comum de humanidade cuidadora e paliativa. Também neste ponto vale a exortação de São Pedro às primeiras gerações cristãs: «[Estai] sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito, mantendo limpa a consciência...» (1 Pe 3, 15-16).

Conversão a Deus, nesta Quaresma agora, traduz-se igualmente, retomando o Credo, em acreditar em “Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor». Deus diz-Se e comunica-Se inteiramente em Cristo, sua Palavra incarnada, na humanidade que o sim de Maria lhe deu. Assim mesmo compartilhou a condição humana, sobretudo nos dramas e tragédias que tanto contrariam a criação divina.

“Até à morte e morte de cruz” (cf. Fl 2, 8): Morte e cruz que, sendo nossas, foram por Ele assumidas, para as preencher com a sua vida. Foi assim que a Palavra criadora se tornou redentora, redizendo-nos perfeitamente segundo Deus. Por isso ressuscitou e nos ressuscita agora, no cumprimento batismal de cada um.

Presença que a nossa conversão reconhece e acolhe na humanidade em que se alarga. Esclarece o mesmo Evangelho como há de acontecer pela positiva: «Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25, 35-36). Se cada um traduzir esta atitude, no que concretamente lhe couber, aí mesmo realizará a mais perfeita Quaresma.

Conversão é também, continua o Credo, a Deus Espírito Santo, que nos inclui na relação de Cristo com o Pai, em perfeita comunhão. Espírito que nos fará compreender o que Cristo é e como prometeu: «Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa. [...] Ele há de manifestar a minha glória, porque receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso é que eu disse: “Receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer”» (Jo 16, 12-15).

Sim, converter-se a Deus é aceitá-Lo como Ele próprio se revela: Pai criador, que nos recria no Filho, em quem inteiramente se diz na humanidade que somos e havemos de ser; Espírito que nos dá, para que a vida divina seja nossa também.

- Que importante será, se nesta Quaresma deixarmos o Espírito “conduzir-nos ao deserto”, como o fez a Jesus (cf. Mt 4, 1), para mais nos convertermos à palavra do Pai e à sua exclusiva adoração! Mesmo quando o dia-a-dia nos atém aos espaços habituais – ainda mais confinados pela presente pandemia –, o “deserto” bíblico assinala o íntimo lugar das escolhas radicais, onde a liberdade e a caridade simultaneamente despontam.

Jejum, esmola e oração, ganham aqui o sentido perfeito. No alimento essencial que Deus é e oferece, relativizando tudo o mais; na partilha com que cada um garante o necessário a todos; na oração que nos mantém na verdade absoluta de sermos de Deus e para Deus. - É assim, só assim, que esta Quaresma nos levará à Páscoa!

Sé de Lisboa, Quarta-Feira de Cinzas, 17 de fevereiro de 2021

+ Manuel, Cardeal-Patriarca